

A FACE DO CAOS: GUIMARÃES ROSA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Prof^a Waldete Freitas **BARBOSA**

RESUMO

Propõe-se, nesta comunicação, uma leitura da crônica “O mau humor de Wotan” (29.02.1948 — *Correio da Manhã*) do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, tendo por base o livro póstumo *Ave, palavra* de 1970. Por não ser muito conhecido, segue-se a amostra das primeiras impressões, que se obteve desse texto, considerando contexto histórico relacionado à Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de apresentá-lo ao público acadêmico. Fundamenta-se este trabalho nos estudos formulados por Hans Robert Jauss (1979), que focaliza a primazia da hermenêutica centrada no leitor, aclarando, de um lado, o processo atual que concretiza o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstrói o processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado por leitores de tempos diversos.

PALAVRAS-CHAVES: Guimarães Rosa. *Ave, palavra* Guerra.

A FACE DO CAOS: GUIMARÃES ROSA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Waldete Freitas **BARBOSA**¹

INTRODUÇÃO

Algumas crônicas de João Guimarães Rosa, perpassam a cultura e a língua alemã que marcaram de modo peculiar a trajetória de vida e escrita deste escritor brasileiro. No período compreendido entre 1938 e 1942 Guimarães Rosa estabeleceu-se em

¹ Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: waldetefreitas@hotmail.com

Hamburgo como diplomata, entrando em contato com a Alemanha num momento crucial da história desse país.

O literato discorreu sobre a Alemanha nazista em quatro crônicas publicadas em periódicos e mais tarde reunidas em *Ave, palavra*, de 1970. Para essa comunicação selecionou-se a crônica “O mau humor de Wotan” que apresenta a experiência do escritor vivida no exterior durante a perseguição aos judeus pelo nazismo.

Ave, palavra – título escolhido por Guimarães Rosa que o definiu como uma “miscelânea”, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica, em jornais e revistas brasileiras, durante o período de 1947 a 1967.

Paulo Rónai foi o organizador do último livro de Guimarães Rosa. A primeira edição dessa obra póstuma foi publicada em 1970 pela editora José Olympio, reunindo 54 textos em 274 páginas. O título é uma saudação, como “Ave, Maria”. Funciona como “Salve, palavra”, Tematicamente, *Ave, palavra* é um dos livros mais variados de Guimarães Rosa.

Por não ser um texto muito conhecido, não se pretende nesta comunicação discutir uma linha de leitura, nem eleger-se um aspecto único, mas recolheu-se algumas impressões da crônica em apreciação para breve amostra nesta apresentação.

1 - Leitura interpretativa da Crônica “O mau humor de Wotan”

A crônica “O mau humor de Wotan” inicialmente publicada no *Correio da Manhã*, em 29 de fevereiro de 1948, é um texto longo, dividido em 104 parágrafos, inseridos nas páginas 3 a 12 da primeira edição do obra já citada.

Partindo da análise do título da crônica “O Mau humor de Wotan”, pergunta-se: Quem é Wotam? Segundo a análise feita por Jung,

é o deus pagão dos germânicos, “um deus das tempestades e da efervescência que desencadeia paixões. Pode-se relacionar Wotan com o fenômeno nazista. Wotan é uma personificação de forças psíquicas,

corresponde a uma natureza irracional, um ciclone que anula e varre para longe a zona calma onde reina a cultura.²

19 de agosto de 1934, foi realizado um plebiscito em que o povo alemão aprovou a posse de Adolf Hitler para o cargo de Presidente. Segundo os dados históricos, mais de 38 milhões, votaram a favor e apenas 4 milhões contra. A partir de então, Hitler exigiu de todos os oficiais e membros das forças armadas um juramento de fidelidade para com ele próprio. Eis o juramento: “Faço perante Deus este sagrado juramento que renderei incondicional obediência a Adolf Hitler, o *Fuehrer* do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas ...”³ Hitler foi deificado durante a vida. Simbolizou Wotan e seu mal humor consistiu em destruir tudo em nome da Paz.

O narrador em 1ª pessoa é o amigo do casal Márion Madsen e Hans-Helmut Heubel e acompanha a aflição de Márion Madsen. De acordo com o cronista narrador, Hans-Helmut Heubel é um homem se não rico, certamente, remediado, que “relia a Cabala ou a Bíblia e acreditava no aperfeiçoamento do homem.

A leitura desse texto permite relacioná-lo ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Dentre os exemplos presentes na crônica, destacou-se o diálogo entre Márion e o narrador, mencionando a expressão alemã *Fuehrer* que significa o “condutor”, “guia”, “líder” ou “chefe”. Embora a palavra permaneça comum no alemão, está tradicionalmente associado a [Adolf Hitler](#), que a usou para se designar líder da [Alemanha Nazista](#). Veja-se o fragmento abaixo:

Vou-me casar e ter filhos ...” – prometia.

- Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchem?

- O *Fuehrer* não encontra tempo para amar ...

O *Fuehrer* sagrou-se à política ...⁴

Márion comenta sobre o *Fuehrer*, caracterizando-o como alguém que não tem tempo para amar. O cronista narrador menciona conhecer um plano de Adolf Hitler; depois descreve que

² Carl Gustav Jung. Psiquiatra suíço e fundador da Psicologia Analítica. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Acesso em 03/05/2010.

³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%BChrer>. Acesso em 05/05/2010.

⁴ ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 3.

Márion queria que o marido se comportasse em uma linha de “*Heil Hitler mais enfático*”⁵. Para a saudação de Hitler o braço direito é levantado e acompanhado das palavras *Heil Hitler!* (*Salve, meu líder* - quando endereçada ao próprio Hitler), ou simplesmente *Heil!*, geralmente dito em voz alta e repetidas três vezes. O próprio Hitler usava frequentemente a saudação, e há muitas fotografias dele fazendo-a em multidões e em carros abertos.

“O mau humor de Wotan” apresenta a participação de Hans-Helmut no conflito da Segunda Grande Guerra e isso preocupa sua esposa. O diplomata é amigo do casal e caracteriza-o como um homem sem perfil adequado para um soldado:

Mas Hans-Helmut se colocara, por poder de sua estrela: distribuído ao Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de *chauffeur* e datilógrafo. [...] Isso, aliviava-nos, porquanto Heubel míope e de medíocre físico, com lentes grossas. No escritório, sim, agradava imaginá-lo, sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra “burguês”, mais vivo sublimada, no que seu sentido tenha de menos obtuso.⁶

Hans era um prestador de serviço do Estado, mas mantinha seu pensamento, sua filosofia de vida. Segundo o narrador, eram serviços condizentes com o físico de Hans e acreditava que o amigo escaparia às fileiras prussianas, já que na primeira vez havia se apresentado ao exército, mas não o recrutaram.

Na crônica, encontramos reflexões que remetem ao problema dos direitos civis. No caso de Hans-Helmut, a obrigação de servir ao militarismo se impõem sobre o direito à liberdade, de maneira que a vida de Heubel fica restrita ao campo repressivo dos interesses do Estado.

Depois, Helmut foi chamado por duas vezes às filas: a primeira à França, onde ocorreu *blitz* (bombardeio) e armistício (cessar fogo). Durante o armistício Hans retorna para Hamburgo e com Márion vai jantar na casa de Annelise, quando, no decorrer da conversa, alguém perguntou: - “E a guerra?”. Heubel disse: - “Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...” Para o cronista narrador era um nenhum relato, dito de acurtar

⁵ *Idem, ibidem*, p. 4

⁶ *Idem, ibidem*, p. 5

conversa, resumindo em nada sua experiência guerreira, negando a realidade da guerra, pois seu coração não dava o menor pouso à guerra.

A segunda chamada, para o acampamento de Münster, sob o comando do capitão K que zangara-se com o espírito livre de Hans e agora o tinha como inimigo, por ter demonstrado indiferença às doutrinas do capitão K e Dr. Schwartz, pai de Annelise. Mas o narrador diz que Hans não o fez por mal, Hans tinha o espírito livre.

Surge uma pergunta reflexiva por parte do cronista narrador: “Quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago da montanha, ou nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões dêsses que fiam as Nornas?”⁷

Na mesma página em que é narrado a boa estrela de Helmut é também narrado a representação das forças – as Nornas⁸ – que encaminharão Hans-Helmut Heubel ao trágico destino: a guerra, a morte.

Márion engravidou, o bebê nasceu. Hans foi enviado para outro campo e não teve mais a oportunidade de revê-los. Ela já não sabia em que campo estava o marido, não mais recebia cartas. O diplomata perguntou a Márion: “Para onde o mandaram, Marionzinha?” e a resposta: “Que sei, que sei? – esta guerra não acaba!”⁹

Márion em desespero procurou por Annelise, para pedir que ela intercedesse por seu marido diante do capitão K, mas tudo foi inútil. Annelise não demonstrou boa vontade e Márion entendeu que os K discursavam, pisando na mão de uma criança. Portanto, não receberia ajuda de ninguém.

O narrador, amigo do casal recebeu um cartão de Heubel , escrito:

E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua. O russo se retrai com tal rapidez, que nunca o vemos.

⁷ ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p 5

⁸ Deusas da mitologia nórdica que controlavam a sorte, o destino.

⁹ ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p 7.

Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino...”¹⁰

Sem treinamento, desajeitado para o exército, o soldado Hans-Helmut Heubel foi para guerra, chegou ao *front* num momento de ofensiva e assim puderam matá-lo. O cronista narrador encerra a crônica dando a triste notícia a Márion: “Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado, [...] deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro.”¹¹

Embora a história se dê no contexto do maior conflito mundial do século XX, chamado por Eric Hobsbawn de Era dos extremos, são eles, Márion e Hans, e não a guerra, que conduzem a narrativa. Hans “o menos belicoso dos homens”, não traduziu a sua experiência durante o combate.

Segundo Walter Benjamin, no final da guerra, os combatentes voltavam mudos dos campos de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicáveis. O cronista narrador, pode-se dizer, experiencia o que Benjamin denunciou, quando na penumbra da noite era grande a muda procissão dos soldados que desembarcavam em Hamburgo.

Márion transborda de experiências comunicáveis, cheia de lembranças, como Hans, apesar do tempos dominados pelas máquinas de matar.

Talvez, por essa razão, semelhante ao pensamento benjaminiano, o cronista Guimarães Rosa não permite que a guerra soterre as vivências comunicáveis.

O texto escrito pelo diplomata brasileiro, induz o leitor a pesquisar o significado das palavras, os fatos históricos, geográficos, culturais etc. a fim de que se possa entender o que o cronista quer dizer. E, nessas possibilidades de leituras interpretativas, o autor torna-se, como diz Jorge de Sá, “testemunho do nosso tempo”¹²

CONCLUSÃO

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 10

¹¹ ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 12

¹² SÁ, Jorge de, *A crônica*. 6. ed., São Paulo: Ed. Ática, 2005. p. 7.

Nessa crônica roseana, há um evento importante, que ganha o olhar subjetivo do autor. Assim, o leitor acompanha o acontecimento, como uma testemunha guiada pelo olhar do cronista que tem a pretensão de registrar de maneira pessoal o acontecimento. O cronista dá ao fato uma perspectiva, que o transforma em fato singular e único.

Desse modo, a crônica “O Mau humor de Wotan”, coincide com um acontecimento importante da história do período – a Segunda Guerra Mundial. Observou-se na leitura do texto que há uma crítica à desumanização na cidade grande, aos direitos civis, ao conflito de classes, ao que acontecerá com o homem após a guerra pois em meio a toda essa situação somos apenas números e não pessoas, e como resultado temos o rompimento de valores.

A crônica em apreciação, abre um leque de possibilidades de leituras e questionamentos que ao relacionarmos com estudos de Jauss¹³ entendemos que um texto nunca é monológico ou atemporal, pois sempre ocorrerá a atualização no ato da leitura.

Em termos estético-recepcionais, a obra rosiana continua gerando novas perguntas ao horizonte de expectativa de cada época e, com isso atualizando o diálogo estético entre texto literário e leitor.

REFERÊNCIAS

01. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
02. CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 24.
03. COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*, 4. ed. rev. atual. — São Paulo: Global, 1997, v. 6, p. [inicial-final].
04. JAUSS, Hans Robert. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção et al.* ; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 213 p.
05. _____. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (sel.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
06. _____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio

¹³ JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. p. 35 – 40.

Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

07._____. *O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e*

08.*Katharsis*. In: LIMA, Luis Costa (sel.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

09.LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. v. 6, p. 67.

10.MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 3 ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 2008. 536 p.

11.MOISÉS, Massaud. *A criação literária — Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 245-258.

12.ROSA, João Guimarães. O mau humor de Wotan. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.

13.ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

14.RÓNAI, Paulo. Advertência da segunda edição. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

15._____. Nota introdutória. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. Sem paginação.

16.SÁ, Jorge de, *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005. 93 p.

17.ZILBERMAN, Regina. *A estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. 124 p.

Eletrônicos

18.Carl Gustav Jung. Psiquiatra suíço e fundador da Psicologia Analítica. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Acesso em 03/05/2010.

19.Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%BChrer>. Acesso em 05/05/2010.